

APRENDER LIBRAS, CONSTRUIR-SE SURDO: O PERCURSO DA LÍNGUA NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE E AUTONOMIA

Francisco Ebson Gomes-Sousa¹
Mifra Angélica Chaves da Costa²
Ítalo Santos Ferreira³

RESUMO

O presente artigo indicia alguns dos desafios da escolarização de estudantes surdos no Ensino Médio e sua relação com a aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais (Libras). A pesquisa tem como objetivo compreender como a aprendizagem da Libras e o processo educacional foram formativos e auxiliaram no seu processo de constituição como surdos. O estudo fundamenta-se em: Pollak (1992), Quadros (2006; 2023), Perlin e Strobel (2014), Josso (2009) e Passeggi (2011). A abordagem qualitativa utilizou o método autobiográfico, coletando dados por meio de entrevistas semiestruturadas em Libras com 13 estudantes surdos da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Os resultados preliminares indicam que a ausência de acessibilidade e a falta de intérpretes comprometeram significativamente a aprendizagem dos alunos, dificultando seu desenvolvimento acadêmico e social. Muitos relataram barreiras na interação com docentes e colegas ouvintes, o que impactou sua autonomia e senso de pertencimento. Por outro lado, a aquisição da Libras foi um marco na vida dos estudantes surdos, proporcionando-lhes maior independência e permitindo a construção de sua identidade surda de forma mais ampla e junto aos seus pares. No entanto, essa aprendizagem ocorreu tardiamente, majoritariamente no Ensino Superior, evidenciando falhas na implementação de políticas de educação bilíngue, por exemplo. Assim, reforçamos a importância da Libras como ferramenta essencial para a inclusão e autonomia dos surdos, em que por meio de suas vozes, podemos ver as mudanças que aconteceram na vida deste e muitos outros surdos. O estudo também aponta para a urgência da aplicação efetiva das legislações que garantem a acessibilidade educacional da comunidade surda.

Palavras-chave: Libras, Surdos, Autobiografia, Autonomia, Pertencimento.

INTRODUÇÃO

Muito se tem discutido sobre a educação de surdos ao longo da história, com discursos e narrativas advindas da perspectiva dos ouvintes, o que traz à tona registros do outro a partir de seus olhares, que podem ou não serem sensíveis aos fatos e

¹ Docente da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) no Departamento de Linguagens e Ciências Humanas (DLCH); Doutor em Linguística (PROLING) pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: ebson.gomes@ufersa.edu.br;

² Professora da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Mestra em Educação pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) – RN. E-mail: mifra@ufersa.edu.br;

³ Graduado em Letras Libras da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) - RN, Instrutor de Libras - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) Email: italosf98@gmail.com.



acontecimentos vistos pelos sujeitos. Pensar neste sentido nos revela que os sinais das pessoas surdas caminham a passos lentos, e ainda não são protagonistas de si em sua totalidade, pois ainda sofrem com o ouvintismo.

Perlin e Strobel (2014), relatam que as pessoas surdas no passo foram emergidas a adentrarem no universo ouvinte, e por causa disso passaram a aceitar que outros fizessem a sua história, porém, a realidade necessita ser mudada, e não repetida, uma vez que os tempos de dominação do tempo colonial e de outras realidades mudaram, e que existem outros caminhos, mesmo que desconhecidos para que sejam narrados, uma vez que estes constituem a genuína história natural e cultural dos surdos.

Ao retomarmos esse percurso histórico, percebemos que a luta pela afirmação da Libras como língua e pela constituição da identidade surda não é apenas uma questão de inclusão escolar, mas um processo de transformação cultural e política. Como observa Strobel (2009), ser surdo é assumir uma diferença marcada pela língua, que não se restringe à comunicação, mas organiza formas de pensar, de estar no mundo e de se relacionar socialmente. Nesse sentido, a Libras representa não só uma ferramenta de acesso, mas o elemento que possibilita aos sujeitos surdos aprenderem a ser surdos, encontrando na língua a mediação necessária para a construção de suas narrativas, memórias e modos de pertencimento.

Esse movimento nos leva a compreender que as experiências educacionais dos surdos não podem ser analisadas apenas sob a ótica da legislação ou das políticas públicas, mas precisam ser escutadas (e vistas) a partir de suas próprias vozes e sinais. É nesse espaço de fala que as autobiografias surdas ganham relevância, pois permitem conhecer como esses sujeitos significam seu percurso escolar, os obstáculos enfrentados e, sobretudo, como a língua impacta a constituição de suas identidades. Assim, optamos por uma abordagem que privilegia o olhar e a fala (em seu conceito mais amplo) dos próprios surdos sobre sua trajetória, a fim de evidenciar como o aprendizado da Libras foi central na construção de sua autonomia e identidade.

Diante disso, a pesquisa desenvolvida buscou compreender esses processos formativos a partir das narrativas de estudantes surdos do curso de Letras Libras da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Para tanto, adotamos o método autobiográfico, em diálogo com a abordagem qualitativa, a fim de captar os sentidos atribuídos pelos próprios participantes à sua experiência escolar e de aquisição da Libras, como detalharemos na seção seguinte de Metodologia.



METODOLOGIA

A pesquisa, realizada no âmbito da UFERSA, *Campus* Caraúbas, situada no interior do Estado do Rio Grande do Norte, região oeste potiguar. A UFERSA conta atualmente com cursos de Engenharia (civil, elétrica e mecânica), Bacharelado em Ciências e Tecnologia (C&T), Letras Libras, Letras Inglês e Letras Português, Física e também oferta o curso de Pedagogia Bilíngue pelo Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) Equidade. Para realização deste trabalho contamos com a participação de 13 (treze) alunos surdos do curso de Letras Libras, sendo deste total, 03 egressos. É importante destacar que no período de realização da investigação até o atual momento não há registro de alunos surdos em outros cursos além do Letras Libras.

Para realização da pesquisa utilizamos do método autobiográfico a partir de uma abordagem qualitativa, uma vez que objetivamos a partir das narrativas sinalizadas dos participantes surdos compreender sobre seus processos de escolarização. Esse método autobiográfico se faz importante, uma vez que “em educação a pesquisa (auto)biográfica amplia e produz conhecimentos sobre a pessoa em formação, as suas relações com territórios e tempos de aprendizagem e seus modos de ser, de fazer e de biografar resistências e pertencimentos” (Josso, 2010, p. 06).

Já a abordagem qualitativa, nos ajudará a compreender os fenômenos narrados, analisando e interpretando os textos produzidos em Língua de Sinais para compreender os sentidos e significados que são ditos pelas pessoas surdas participantes. Denzin e Lincoln (2006, p.17) reforçam explicando que a abordagem qualitativa é:

[...] uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem. (Denzin e Lincoln, 2006, p. 17).

Para a produção de dados, utilizamos de uma entrevista semiestruturada, que pode ser compreendida como uma “técnica que envolve duas pessoas numa situação “face a face” e em que uma delas formula questões e outra responde” (Gil, 2017, p. 76). Para reforçar as ideias apresentadas por Gil (2017), trazemos a percepção do



pesquisador Severino (2014, p.108), que explica que a entrevista é uma “técnica de coleta de informações sobre um determinado assunto, diretamente solicitadas aos sujeitos pesquisados”. Trata-se, portanto, de uma interação entre pesquisador e pesquisado”. As entrevistas ocorreram em 2 etapas, a primeira individual e a segunda coletiva.

As entrevistas individuais ocorreram no laboratório de audiovisual do curso de Letras Libras, onde buscamos criar um ambiente acolhedor e sensível à escuta das narrativas dos participantes surdos, importante registrar que duas entrevistas com alunos egressos ocorreram por meio da plataforma de reuniões *Google Meet*, devido a localização geográfica que se encontravam. Pensando no uso de tecnologia para facilitar a participação dos alunos e alunas surdas, para entrevista coletiva também utilizamos a plataforma de reuniões virtual *Google Meet*.

As etapas para organização da pesquisa se deram da seguinte forma: a) elaboração de formulário bilíngue virtual via *google forms*, para recebermos as confirmações de interesse de participação na pesquisa; b) Criação de grupo no *Whatsapp*, para facilitar a comunicação e combinados referente a pesquisa; c) Organização e divulgação do calendário de gravações das entrevistas individuais; d) Gravação das entrevistas individuais; e) Divulgação da data para gravação da entrevista coletiva; f) Gravação da entrevista coletiva; e g) Transcrição da entrevista para língua portuguesa - em andamento. Para o registo das entrevistas na modalidade presencial, utilizamos de uma câmera digital e para a modalidade online, utilizamos o OBS e também a função de gravação do próprio *Google meet*.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para iniciarmos as discussões, abordamos inicialmente sobre os aspectos legislativos, trazendo um olhar sensível para com essas pessoas que ao longo de sua história sofreram por não serem consideradas como um pessoas dotadas de capacidade, sendo por muitas vezes tratados como indivíduos enfeitiçados, seja forma extremista – eram mortos, castigados ou escravizados, ou de uma forma mais moderada, endeusadas, porém sem direito à educação (Strobel, 2009).

Esses fatos foram bastante repetidos ao longo da trajetória surda até chegarmos ao atual momento. Podemos ainda citar na época dos grandes filósofos, os surdos eram vistos como pessoas que não possuíam linguagem por não falarem, sendo incapazes de



produzir pensamentos. Somente na Idade Média, quando surge um médico filósofo chamado Gerolamo Cardoso (1501), que acreditava que a surdez e a mudez não eram impedimento para que pudesse desenvolver a aprendizagem, foi que começou a discutir sobre educação do surdo (Strobel, 2009).

Nessa pequena linha do tempo narrada, podemos perceber que desde idade antiga (476 d.C.), passando pela Idade Média (476 d.C) e somente na Idade Moderna (1453 d.C.) foi que iniciou alguma discussão sobre o educar surdo. Vale ressaltar que esses sujeitos não possuíam direito algum, seja a estudo, herança ou simplesmente ter uma vida digna. Outros eventos como Segunda Guerra mundial, que condenava as pessoas com deficiência à morte, sendo estas identificadas, no caso dos surdos com uma fita azul, sendo segregadas e/mortas; o Congresso de Milão que após muito tempo de luta proibiu o uso da língua de sinais, deixando permitindo somente o uso do método oralista⁴ para educar as pessoas surdas (Strobel, 2009).

Trazendo essas perspectivas sobre a vida das pessoas surdas para o Brasil, oficialmente somente em 2002 é que a trajetória social e educacional dos sujeitos surdos começam a mudar, uma vez que neste ano houve o reconhecimento linguístico da Libras (Língua Brasileira de Sinais) como língua de expressão e comunicação dos sujeitos surdos (Brasil, 2002), oficializado através da lei nº 10.436/2002. Esse fato culminou na elaboração do decreto nº 5.626/2005 que tem como objetivo a regulamentação da Lei de acessibilidade nº 10.098/2000 e a Lei de 10.436/02 (Brasil, 2000, 2002, 2005). Esse decreto dispõe a respeito dos direitos das pessoas surdas à educação, saúde, entre outros (Brasil, 2005).

Ao refletirmos sobre a história do povo surdo, podemos perceber que ao longo de sua vida as oportunidades foram cerceadas e por muito tempo estes foram silenciados e colocados para “fora da sociedade”⁵, e nesse panorama no Brasil, podemos perceber que com o avanço legislativo direcionado aos sujeitos surdos deu-se início a um processo inclusivo para oportunizar a dignidade surda, seus direitos políticos, linguísticos e sociais, tendo em vista que ao ganhar essa notoriedade outras conquistas foram alcançadas, como a Lei 13.146/2015, conhecida como a Lei Brasileira de

⁴ Para saber mais sobre esse método ler o artigo: oralismo, comunicação total e bilinguismo: propostas educacionais e o processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita de surdos. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/53115/1/2016_art_gflkesio2.pdf> acesso em 25 de agosto de 2025.

⁵ Utilizamos este termo para nos referir às pessoas surdas e ensurdecidas que foram mortas, abandonadas, escravizadas e ou tiveram seus direitos cassados, sendo impedidos de viver socialmente com outras pessoas.



Inclusão da Pessoa com deficiência, aborda os direitos destas pessoas bem como dispõe sobre formas garantir a igualdade e equidade entre pessoas com deficiência e não deficientes, tornando a sociedade mais justa (Brasil, 2015).

Outras legislações foram somam as supracitadas, como a 14.191/2021, que altera a Lei 9394/1996 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), para dispor sobre educação bilíngue para surdos, estabelecendo a Libras como L1 - primeira língua do surdo e português na modalidade escrita como L2 - segunda língua (Brasil, 2021).

Quando analisamos o processo histórico ao qual as pessoas surdas foram submetidas entendemos as fragilidades e prejuízos causados na formação e constituição desses indivíduos em sociedade. No primeiro ponto mostramos que o surdo para além das margens da sociedade, um sujeito não possui direito algum, nem mesmo a vida, por muitas vezes. No segundo momento mostramos que somente na idade média houve o pensamento de poder educar essas pessoas, mas mesmo assim, as oportunidades para os surdos ainda eram escassas. No terceiro momento, mostramos, no contexto brasileiro a aprovação de legislações que favorecem os surdos de forma positiva, avançando nos aspectos linguísticos, sociais e educacionais.

Dito isto, podemos inferir que toda a construção histórica relacionada às pessoas surdas tiveram contribuições positivas, mas ao mesmo tempo, trouxeram muitas outras que pesaram negativamente e impactaram na formação da identidade surda, atrasando por muitos anos o desenvolvimento educacional e social desses indivíduos, o que impacta diretamente na formação de uma identidade surda sólida, uma vez que nos aspectos históricos-sociais observamos uma figura de um surdo que é treinado para ser ouvinte, sendo visto nesta perspectiva, até que por meio do seu reconhecimento linguístico esse pensamento começa a ser desfeito.

Perlin e Strobel (2006) explicam que nas linguagens das relações atuais essa afirmação plena sobre exclusão entre surdos ouvintes já não existe mais.

Estamos convencidas de que na linguagem das relações atuais já não existe uma afirmação tão plena de exclusão entre surdos e ouvintes. Os ouvintes, conhecendo o outro surdo, já apresentam outras narrativas a respeito. Ao ver em diferentes espaços que a diferença e que outras tramas discursivas estão sendo delineadas, estamos vivenciando um outro tempo, um outro espaço. As novas linguagens da crítica teórica se impõem nos meios sociais refletindo novas narrativas que envolvem esferas que repercutem na sociedade exercendo influência cultural na atualidade. (Perlin & Quadros, 2006, p. 175)



Os confrontos sociais entre surdos e ouvintes estão cada vez diminuindo, e o que era ignorante, violento e segregador, está se tornando informado, pacífico e acolhedor, dessa forma avançando socialmente e criando um espaço de harmonia entre culturas e modalidades linguísticas, existindo até a interação e constituição de pessoas biculturais.

Pensar sobre isto tudo, nos remete a refletir também sobre a memória do povo surdo e a constituição de sua identidade, uma vez que Pollack (1992), explica que as memórias estão ligadas a um acontecimento específico, seja através de uma lembrança individual pessoal ou coletiva que podem desencadear acontecimentos cronológicos de forma linear ou não. Ele ainda explica que a formação social está interligada com a formação da identidade do sujeito, que por sua vez se constitui a partir de memórias que são adquiridas ao longo do tempo a partir de suas vivências, sendo que essas memórias ocorrem semelhantes a um enquadramento, onde tornam-se cada vez mais constituídas, e a partir disto efetuam um trabalho de manutenção, coerência, de unidade, de continuidade da organização.

Nesse processo, é fundamental considerar como a memória individual e coletiva dos surdos atua na constituição da identidade. Pollak (1992) explica que a identidade é um processo em constante de (re)construção, atravessado pelas lembranças e esquecimentos que os sujeitos elaboram. No caso dos surdos, a memória da exclusão histórica, mas também da conquista da Libras, marca profundamente como eles passam a se reconhecer e a se afirmar como sujeitos culturais e linguísticos. Essa perspectiva dialoga com Strobel (2009), que apresenta o conceito de ‘cultura surda’ como um espaço simbólico em que os surdos não apenas se comunicam, mas aprendem a ser surdos, isto é, a vivenciar plenamente sua diferença como valor.

Veremos agora na seção de resultados, como as compreensões dos surdos sobre eles mesmos e sobre a sua língua auxiliaram neste processo de reconhecimento e constituição enquanto seres surdos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados revelam que os estudantes surdos entrevistados relataram um processo de constituição identitária que ocorreu paralelamente à aquisição da Libras. Isso reforça a compreensão de que a inclusão não se limita ao acesso a espaços educativos, mas se concretiza quando os sujeitos passam a se reconhecer dentro da comunidade surda, partilhando valores, histórias e práticas.



Podemos perceber na fala do primeiro colaborador surdo quando ele retrata que sentia sozinho por conta que não havia contato com seus pares, quando em uma oportunidade de mudança e a participação em uma escola de surdos pode perceber-se enquanto pessoa surda e partilhar de momentos que contribuíram para a construção de sua identidade surda, momento onde pode perceber-se enquanto surdo.

Esse compartilhamento narrado pelo colaborador nos mostra a importância da interação social entre surdos, e como ela é essencial para constituição de sua identidade, contribuindo para compreensão de si, de seus pares e de sua vida, colaborando para o desenvolvimento de sua autonomia cidadã tanto no eixo social quanto político.

O segundo colaborador surdo narra que no início de sua trajetória de vida havia muitas dificuldades, principalmente no ambiente escolar, onde as metodologias utilizadas não eram adaptadas para atender as necessidades de uma pessoa surda. Nas atividades e avaliações, o colaborador narra que suas atividades e avaliações eram básicas, com algumas imagens, e cada ano avançava de nível, porém sentia que não aprendia nada, o que gerou um prejuízo imenso no seu processo de escolarização. Ainda em sua narrativa, conta que começou a aprender Libras aos 19 anos, e que somente na universidade foi que começou a desenvolver suas habilidades linguísticas, em uma jornada inicialmente muito difícil, pois havia muitos vocabulários e contextos ainda desconhecidos.

Na narrativa acima podemos verificar uma vivência que se repete em muitas vidas surdas, a falta de acessibilidade linguística e a aquisição tardia. Essa realidade tem demarcado prejuízos na educação de surdos, permitindo muitas vezes que o surdo viva uma realidade mais humanizada quando está inserido em contextos de ensino superior. Essa realidade narrada mostra a necessidade de avançarmos ainda mais nas discussões sobre o processo de acessibilidade que estamos construindo, e ao mesmo tempo refletir como essa lentidão tem prejudicado a formação da identidade das pessoas surdas e sua autonomia.

Nesse sentido, Quadros (2006) enfatiza que a língua de sinais é mais do que um recurso comunicativo, é o elemento estruturante da cultura surda, sendo por meio dela que os surdos se constituem como sujeitos políticos e sociais. Dessa maneira, podemos afirmar que os participantes aprenderam não apenas Libras, mas a aprenderam-se surdos pela língua, processo que Perlin e Strobel (2014) identificam como central para a construção de autonomia e pertencimento.



O terceiro colaborador compartilha em sua narrativa elementos interessantes para que possamos compreender alguns aspectos da constituição da identidade surda, que por muitas vezes ocorre tardiamente, levando a pessoa, muitas vezes a não saber sobre si, sobre sua identidade e história de vida, o que os distancia do recurso comunicativo da estruturação cultural do próprio do povo surdo.

Terceiro Colaborador Surdo: Eu nasci surdo! Durante meu processo de crescimento não sabia sobre minha identidade, se era surdo ou ouvinte, apenas via as pessoas falando. Não sabia Libras e Português. Na escola também não compreendia nada. Por vezes me comunicava com meu irmão utilizando gestos, mas não era Libras.

Na narrativa podemos de forma imediata podemos identificar que a pessoa surda foi prejudicada no seu processo formativo, no constituir de sua identidade, assim como sua participação social, uma vez que ainda não havia desfrutado do processo de aquisição de linguística. É interessante registrarmos que este colaborador surdo, ainda em suas narrativas nos diz que somente no AEE (Atendimento Educacional Especializado) que descobriu ser Surdo, pois o professor especializado havia explicado, porém naquele momento ainda não entendia em sua totalidade o que é ser Surdo, e que somente na UFERSA, através de uma extensão pode conhecer seus pares e aprender Libras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Comprendemos, portanto, que o processo de inclusão escolar dos surdos passa necessariamente pela possibilidade de construir-se surdo pela língua. A Libras, nesse sentido, não é apenas uma ferramenta de acessibilidade, mas um direito linguístico e identitário que garante autonomia, pertencimento e novas formas de narrar-se. Como indicam Josso (2009) e Passeggi (2011), a biografia e as narrativas de si tornam-se espaços potentes de formação, e no caso dos surdos, revelam o percurso de sujeitos que, ao aprender Libras, aprendem também a significar sua própria existência.

Este estudo teve como objetivo compreender de que maneira a aprendizagem da Libras e os processos de escolarização contribuíram para a constituição da identidade e da autonomia dos estudantes surdos. A partir das narrativas autobiográficas, foi possível perceber que a língua de sinais se configura como um espaço de encontro, de fortalecimento identitário e de pertencimento cultural. Ao aprender Libras, os surdos



aprenderam também a se reconhecer como sujeitos de uma comunidade com história, memória e cultura próprias.

Os resultados apontam ainda que esse processo tem se refletido em conquistas significativas na vida social e profissional desses sujeitos. Muitos dos participantes, que antes enfrentavam barreiras de comunicação e exclusão, hoje se inserem no mercado de trabalho de forma mais autônoma e consciente. Destaca-se, sobretudo, a formação de novos professores de Libras, o que evidencia não apenas a continuidade da luta por reconhecimento linguístico, mas também o protagonismo dos surdos na transmissão de sua língua e cultura. Esse movimento revela o impacto transformador da Libras na vida dos surdos, que encontraram nela um caminho para se constituírem como profissionais, cidadãos e agentes de mudança social.

Assim, o percurso aqui analisado nos leva a refletir sobre a urgência de políticas públicas efetivas que garantam o acesso precoce à Libras, evitando que sua aquisição se dê apenas no ensino superior, como, infelizmente, muitos relataram em suas falas. Além disso, aponta-se a necessidade de ampliar investigações que acompanhem o itinerário dos surdos em diferentes contextos sociais, culturais e profissionais, a fim de compreender como novas gerações têm se apropriado de sua língua e construído seus lugares no mundo. A trajetória desses estudantes confirma que aprender Libras é também construir-se surdo, em um movimento de resistência, identidade e autonomia que se estende da escola ao mercado de trabalho e à vida em sociedade.

AGRADECIMENTOS

Nossos agradecimentos à comunidade Surda UFERSIANA.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto n. 5626, de 22 de dezembro de 2005. **Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras.** Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF.

BRASIL. Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.** Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF.

BRASIL. Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS e dá outras providências.** Diário Oficial da União, seção 1, Brasília, DF.



BRASIL. Lei n. 13.146, de 06 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da pessoa com deficiência)**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF.

BRASIL. Lei n. 14.191, de 03 de agosto de 2021. **Altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional para dispor sobre a educação bilíngue de surdos**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, n. 252, p. 27833, 23 dez. 1996.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. Editora Atlas. 6º ed. São Paulo. 2017.

JOSSO, Marie-Christine. **O caminhar para si: uma perspectiva de formação de adultos e de professores**. Revista: ambiente educação, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 136-199, ago./dez. 2009.

PERLIN, G; STROBEL, K. **História cultural dos surdos: desafio contemporâneo**. Educar em Revista. Curitiba. Brasil, Edição Especial n. 2/2014, p. 17-31. Editora UFPR.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SEVERINO. A. J. **Metodologia do trabalho científico**. Cortez Editora. 23ª ed. São Paulo.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 2. ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2009.

